

N.º 7 | 5 DE MARÇO DE 1977 | DE QUINZE EM QUINZE DIAS, À 5. FEIRA | ESC. 25\$00

música & som

ENTREVISTA

com

**VERY
NICE**

JOAN BAEZ

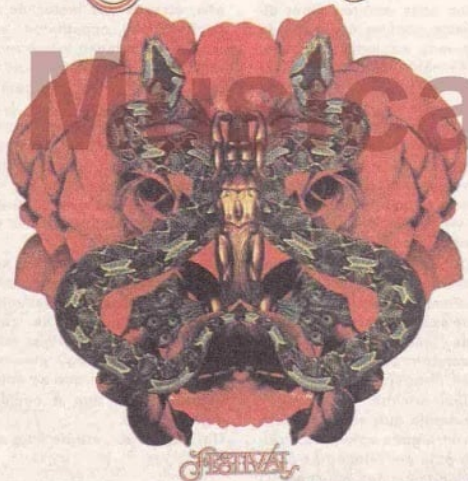




BANCO DE ENSAIO

FESTIVAL SANTANA

SANTANA



A MÚSICA E O INTÉRPRETE

Aqui temos mais um trabalho de Carlos Santana. Ou antes, Carlos Devadip Santana. E quando se diz mais um trabalho, quer dizer-se isso mesmo. É apenas mais um trabalho. Com a diferença de que deve ser o pior de sempre da carreira do justamente considerado guitarrista argentino. Com efeito é lamentável que Carlos Santana tenha chegado à produção de um álbum como este. Abandonando definitivamente a fase Jazz/Rock, que inaugurara com essa obra extraordinária que é CARAVANSERIAL e que fechou com *Borboleta*, não considerando o trabalho de colaboração com John McLaughlin, Santana volta neste *Festival* às características iniciais que o tornaram céle-

FICHA TÉCNICA

TÍTULO: «Festival»
INTERPRETE: Santana
ETIQUETA: CBS86020
Lado 1
Carnaval
Let the children Play
Jugando
Give me love
Verão Vermelho
Let the music set you free
Lado 2
Revelation
Reach up
The river
Try a little harder
Maria Caracoles
PRODUÇÃO: David Robinson & Friends — Carlos Santana e Tom Coster
Carlos Santana: guitarra, baixo, percussão, vozes
Tom Coster: teclas, sintetizadores, percussão, vozes
Pablo Tellez: Baixo, maton, percussão, vozes
Gaylord Birch: bateria, percussão
Chepito Areas: timbales, congas, percussão
Raul Rekow: congas, percussão, vozes
Leon Patillo: piano, leader vocal
Paul Jackson: baixo
Gravado nos Estados Unidos da América (Califórnia) em 1976
Editado e fabricado em Portugal em 1977
DISTRIBUIÇÃO: Rádio Triunfo

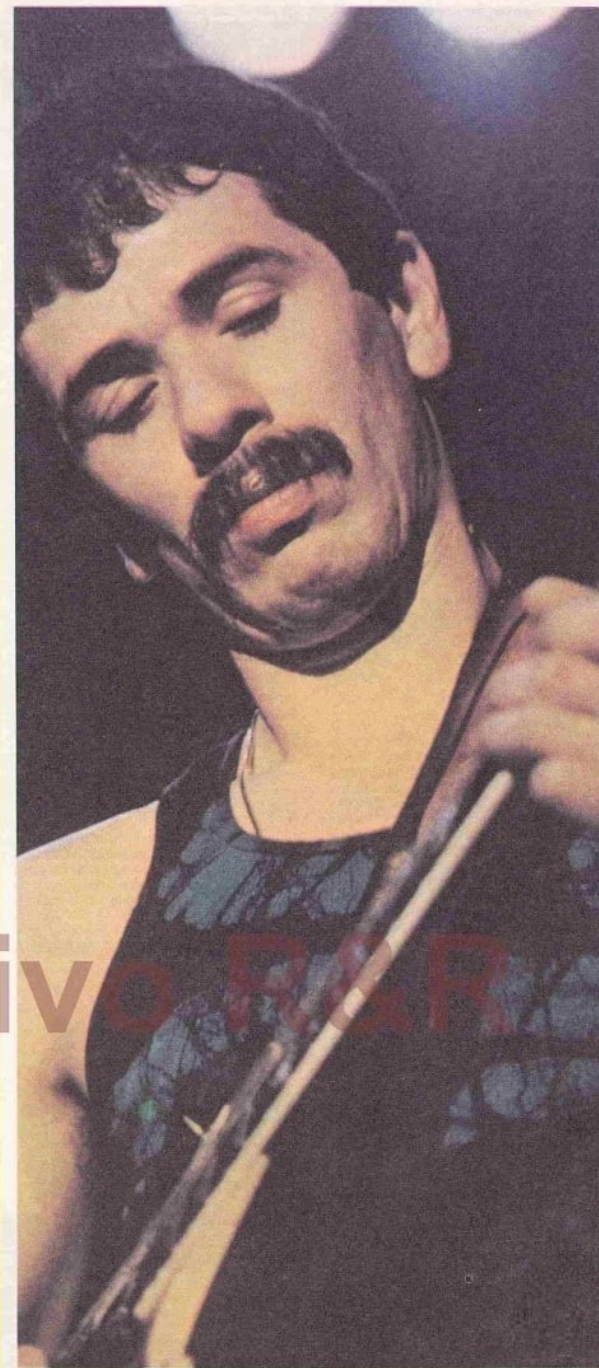
bre: suporte rítmico intenso, com predominância da percussão americana e um discurso a um tempo sereno e firme da guitarra solista. Tudo estaria bem se se tivesse resumido a tal. Mas não. Agora Santana explora o fácil desde o tema inicial («Carnaval») com orgãozinho, corozinho, apito e tudo, até ao tema final («Maria Caracoles») que representa apenas mais uma demonstração da capacidade, por todos reconhecida, da máquina rítmica da banda.

Portanto, em vez de um pretense regresso às origens, Carlos Santana avança para as concessões. Vulgariza-se. E em alguns casos copia. Ouça-se «Give me love», imitando Stevie Wonder ou «Verão Vermelho» que bem podia passar por Sérgio Mendes. Neste tema Carlos Santana limita-se a executar (bem, claro!) uma melodia em viola acústica; junta-se um uníssono de vozes e metais e teremos o tipo de música ideal para servir de fundo a filmes turísticos. Incrível.

Apenas poderemos assinalar o solo introdutório de «Let the children play» e a serenidade com que começa o tema «Revelations».

Depois... Percussão, corozinho, palminhas e virou!

É muito pouco para um músico das responsabilidades de Carlos Santana. Efectivamente não se deve esquecer a fulgurante carreira deste músico, nem a importância que teve para a evolução da música Rock e em certos aspectos do próprio Jazz. Santana marcou nos anos sessenta o reavivar da importância dos ritmos afro-cubanos e sul americanos em geral, incluindo os do Brasil. Esse reavivar foi realizado a partir da integração nos movimentos musicais norte-americanos, da época, sobretudo os da West-Coast. *Soul Sacrifice* é a explosão definitiva do talento de Santana, acompanhado do baterista Mike Shrieve (que há pouco fundou o grupo Automatic Man) e pelos percussionistas José Chepito Areas e Mike Carabello. *Abraxas* é a confirmação. *Caravanserial* é uma obra prima. Passaram entretanto pela banda de Santana outros nomes, como Armando Peraza, James Mingo Lewis, Doug Rouch, Richard Kermode, Gregg Rolie, David Brown e Tom Coster, entre outros. Carlos Santana colaborou ainda nas célebres «Super Session» de 1968, conjuntamente com Al Kooper, Mike Bloomfield e Stephen Stills. Tocou com Buddy Miles e mais recentemente, até por razões de ordem espiritual, vividas a partir de 1972, com outro grande guitarrista, John McLaughlin («Love, Devotion, Surrender»). Em todo este



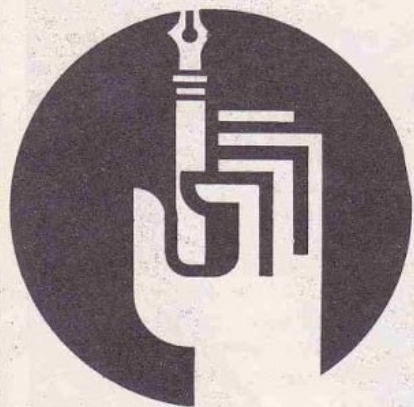
percurso Carlos Santana mostrou-se sempre um músico inspirado, criador e inovador. Nada disso aparece em *Festival*.

Apenas um bom guitarrista tocando com grande facilidade.

E se *Amigos* se podia entender como um álbum de transição, neste trabalho de Santana só há lugar para a desilusão.

Porque nem Stevie Wonder, Bob Dylan e Muhammad Ali, a quem este disco é dedicado, lhe podem valer. Resta-nos dizer a Santana as palavras da sua oração favorita: «Acorda, levanta-te, caminha, observa, corre e eleva-te».

JOÃO DAVID NUNES



O TEXTO

Por uma vez a tarefa do escriba é facilitada. O som da Santana Band nunca precisou de grandes letras para provocar a magia da latinidade que o WASP havia perdido há muito (O WASP, white anglo-saxon protestant). Uma rítmica buscada na Sula-mérica ou (se quisermos recuar mais tempo) em África, o longínquo ressoar do batuque iniciático. Uma guitarra — a de Carlos Santana — percorrendo endiabradamente todas as escalas mas sempre em desenvolvimento linear, quase clássico (pareceria talvez Hank Marvin, dos Shadows, se alguma vez lhe tivesse saltado a tampa). E os aderentes, variando de álbum para álbum. No início, chegou a haver quem os considerasse um grupo de jazz e não haverá dúvidas que alguns trabalhos — lembro-me dos magníficos 1.º álbum, *Caravanserai* e *Borboletta* — são apurados produtos da grande marmitta a que hoje em dia se chama rock-jazz. E umas letras que aparecessem, com Santana ou Gregg Rolie, o organista, a cantar, eram bem-vindas e não destoavam.

Já que falávamos em marmitta, afirmemos claramente que o caldo desta vez se entornou, bem entornado. Não me quero debruçar sobre a música porque não é o meu pelouro. Só direi que é preciso muito pãozinho para um som «à brasileira» sair brasileiro: logo «carnaval» é uma bodega. E acrescento que Santana, ao cair nos estereótipos da sua própria música não faz mais do que muitos eventuais imitadores, com a agravante de, desta feita, a música ser fácil de imitar e os arranjos

orquestrais de algumas faixas cheirarem fortemente a James Last. Onde está a contenção interior que o mestre «guru» Sri Chinmoy (a quem neste disco mais uma vez se refere Santana) com certeza ajudou a construir? Este festival é música comercial da mais estafada, nem sequer a salvando a guitarra de Santana nem um ou dois bons truques do sintetizador de Tom Coster — e haveria ainda que perguntar porquê esta dos sintetizadores nesta música.

Mas vamos ao texto. Que texto? Na faixa «Carnaval», inextricável, popularuncho. Em «Give me love» a lan-zada sempre repetida de Leon Patillo, com frases estilo «Dá-me a vida, dá-me o amor que é o que eu preciso» e «o que vou fazer para tornar os meus sonhos realidade?» A vontade de imitar a sonoridade de Stevie Wonder até ao mínimo tique é óbvia demais para deixar dúvidas: mas Stevie é Stevie e este Leão Patilhas, com um inegável fiozinho de voz, bem poderia dedicar-se a outras pescas (nem piano sabe tocar, ao que se nota) que não a de escrever letras para uma banda de historial comprovado. Do outro lado a mesma mediocridade, a mesma imitação em «Reach up», «the River» e «Try a little Harder».

Finalmente a última faixa do disco «Maria Caracoles», a que se pode aplicar aquilo que dissemos para «Carnaval»: não basta inventar uma eficaz secção de metais para fazer desta composição inferior qualquer coisa que se assemelhe a um arranjo latino-americano à la Xavier Cugat. Concluindo, à parte um trecho bem estruturado, «Revelations», *Festival* é uma produção a esquecer. Diz a capa interior do disco que «Respeitosamente dedicamos a nossa música a Stevie Wonder, Bob Dylan, Muhammad Ali». Quanto a Stevie Wonder, estamos explicados; Dylan não sabemos o que vem aqui fazer a não ser receber (o justo) tributo da sua dignidade; Muhammad Ali, que senão me falha a memória é o nome muçulmano do impagável pugilista Cassius Clay, deveria ter sido solicitado para inflingir uma bem merecida coça aos responsáveis de um disco tão mauzinho quanto este...

JOÃO DE MENEZES FERREIRA



A GRAVAÇÃO

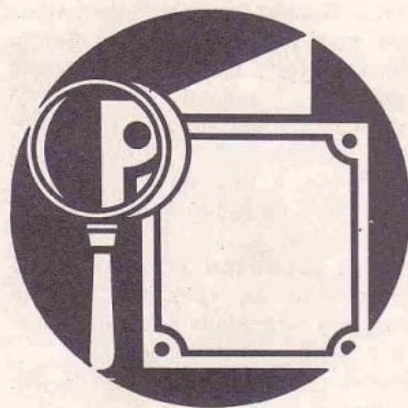
Este álbum agora saído a público, apresenta um conjunto positivo de valores.

A principal valorização das diversas interpretações é dada pelo magnífico naipe de percussão, que consegue sobrepôr-se, em interesse interpretativo ao próprio sintetizador.

A parte vocal, electronicamente viajando de um lado para o outro, produz um efeito que, embora demasiado artificial, acaba por beneficiar o conjunto da obra gravada.

Destaque para as faixas: «LET THE MUSIC SET YOU FREE», «TRY A LITTLE HARDER» e «MARIA CARACÓLES», nas quais são conseguidos efeitos interessantes.

MANUEL BRAVO



A CAPA

Não fora a original e inspirada composição desta máscara criada com os elementos em simetria de rosa, estatueta, cobra e de um pequeno apontamento de penas de pavão e seria uma embalagem banal.

Esta máscara é tudo: é Carnaval, é Liberdade, é Revelação, é tudo o mais que ela exprime ou o que a nossa imaginação dela queira obter na «mensagem» de Santana.

A letragem de «Santana» e «Festival» não acompanhando a forte inspiração da máscara, tem, pelo menos, o mérito de a não destruir e isso já é suficiente.

O verso da capa veio turvar esta embalagem e daí a termos considerado quase banal, não fora, repetimos, a máscara.

Não acompanha o grafismo da capa e não dá unidade ao álbum.

A impressão não é famosa notando-se constantes falhas e entupimentos no ponto da rede.

Pelo retoque e sobrecargas, entendemos que os fotolitos foram contratados e talvez os cuidados não tenham sido suficientes para suprir as anomalias apontadas.

A distribuição dos títulos das composições está feita com grande distância entre si parecendo ter havido intenção de preencher todo o espaço, e não era preciso.

Tipo de letra muito mal escolhido não se coaduna com a graciosidade da letragem da capa; são de famílias muito diferentes...

A cartolina cromo (de fraca grama-gem), não sendo brilhante, também não beneficia o aspecto geral.

FILIPPE COSTA